

Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

Notas Informativas

Próxima Reunião Plenária do COMTEXTIL

Data: **19 de Julho de 2011**

Horário: **das 16h às 18h**

Local: na **sala 1150 - 11º** andar – FIESP

Em Breve nossa Nova Ferramenta de Comunicação, Twitter do COMTEXTIL.



Frente Parlamentar



Imagem: ABIT

Será realizada em Curitiba no dia **07/07/11** às 9h30 na **FIEP** - Federação das Indústrias do Estado do Paraná, a **1ª Audiência Pública Estadual**.

Serão discutidas questões relativas à indústria têxtil e de confecções, que pretende realizar um trabalho

descentralizado junto as principais regiões produtoras do Brasil, promovendo debates relacionados ao momento atual do setor, seus desafios e oportunidades.

Fonte: ABIT

22/06/2011

Ministério discutirá proteção à indústria têxtil, diz deputado.



Foto: Lula Lopes

Fontana: produtos estrangeiros entram no País em vantagem tributária sobre os nacionais.

O presidente da **Frente Parlamentar** Mista em Defesa da Indústria Têxtil, deputado Henrique Fontana (PT-RS), informou que o Ministério da Fazenda vai criar um grupo de trabalho para discutir formas de proteção ao setor. A decisão foi tomada pelo ministro Guido Mantega após reunião com integrantes da frente parlamentar nesta quarta-feira. De acordo com Fontana, a desoneração da folha de pagamentos das empresas e o fim da guerra fiscal entre estados serão alguns dos principais pontos a

Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

serem abordados pelo Executivo. “Uma das propostas é a possibilidade de reduzir a alíquota de contribuição sobre a folha de pagamentos para setores de mão de obra intensiva. A outra questão é o fim da guerra fiscal, que hoje infelizmente permite que produtos importados entrem no Brasil em situação de vantagem tributária sobre artigos nacionais”, adiantou.

O deputado Vanderlei Macris (PSDB-SP), um dos coordenadores da frente, reiterou a necessidade de reduzir o custo de produção das indústrias. “Muitas empresas estão fechando as portas”, lembrou.

Proteção

Durante a reunião, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Aguinaldo Diniz, destacou a Mantega a importância de o governo resguardar as companhias brasileiras de modo a não transferir os empregos aqui gerados para a China, principal concorrente dos produtos nacionais. “Queremos um canal com a parte técnica [do ministério] para discutir o fortalecimento do setor”, solicitou.

O ministro concordou com as argumentações e consentiu com a articulação da frente têxtil com os técnicos do Ministério da Fazenda. “Acolho a ideia de um grupo de trabalho como temos com o setor automobilístico”, disse, solicitando que a primeira reunião aconteça já na próxima semana.

Segundo Mantega, as dificuldades enfrentadas atualmente pela indústria são motivadas pela crise econômica de 2008, que continua na maior parte do mundo. “Não é problema só do setor têxtil, é de todos os manufaturados”, ponderou. “Temos de resolver a situação sem jogar fora as normas da OMC [Organização Mundial do Comércio].”

**Reportagem de Karla Alessandra/Rádio Câmara
Edição – Marcelo Oliveira**

Fonte: ‘Agência Câmara de Notícias’

<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/INDUSTRIA-E-COMERCIO/199064-MINISTERIO-DISCUTIRA-PROTECAO-A-INDUSTRIA-TEXTIL-DIZ-DEPUTADO.html>

Notícias

23/06/2011

Governo ouve reivindicações do setor têxtil



Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

Empresários paulistas se reúnem com o ministro Guido Mantega para esclarecer dificuldades da indústria. Mantega ouve reivindicações de empresários e governo promete medidas em julho.



O Ministério da Fazenda criou ontem um grupo técnico de trabalho

Para analisar medidas de ordem tributária para dar mais competitividade ao setor industrial têxtil, que sofre com a concorrência dos produtos importados, principalmente os asiáticos.

As propostas para reduzir a carga tributária foram apresentadas pelo presidente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção), Aguinaldo Diniz Filho, acompanhado de representantes da cadeia têxtil, e pelo o presidente da Frente Parlamentar de Defesa da Indústria Têxtil e da Confecção, deputado Henrique Fontana (PT-RS), ao ministro da Fazenda, Guido Mantega.

As primeiras medidas poderão ser anunciadas pelo governo dentro de **30 a 45 dias**. Segundo o

presidente do **Sinditêxtil** (Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral), Alfredo Emílio Bonduki, o governo federal anunciou, durante o encontro, que irá desonerar a folha de pagamento para a indústria intensiva em mão de obra já no segundo semestre de 2011, o que beneficiará o setor têxtil. Esse item faz parte do pacote da reforma tributária, que deve ser enviado ao Congresso Nacional pelo governo. *"Imaginamos que o governo irá transferir a cobrança da contribuição previdenciária patronal da folha para o faturamento, ajustando a alíquota de maneira que não haja perda de receita"*, antecipou.



O grupo técnico do qual o **Sinditêxtil** participa promove a primeira reunião com técnicos do governo na próxima terça-feira, segundo Bonduki. *"Entre as propostas entregues ao governo, que podem ser implementadas em 30, 60 e 90 dias, e a serem discutidas estão o fortalecimento da confecção, a*

Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

intensificação da fiscalização do comércio desleal de importados e a criação de linhas de financiamento específicas para o setor têxtil e de confecção”, disse o presidente do Sinditêxtil. Bonduki afirmou que cerca de 80% dos 3 mil laudos de produtos importados pedidos pela Receita Federal à Abit nos últimos anos apresentaram algum problema. “Boa parte desse material foi a leilão ou foi destruído”. Existe um convênio entre a Receita e a Abit. “A nossa ideia é criar um Simples para desonerar a confecção, o que diminuiria a carga tributária entre 14% e 15%”, disse Bonduki. O coordenador desse grupo técnico será o Fernando Pimentel, que é da Abit e do Sinditêxtil. O setor também busca a redução e unificação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) interestadual para acabar com a guerra fiscal, respaldado nas recentes decisões do STF (Supremo Tribunal Federal) que declarou inconstitucionais algumas leis estaduais que concedem benefícios tributários. Essa medida também já faz parte da agenda do governo federal.

SINDITEC

O Sinditec (Sindicato das Indústrias de Tecelagens de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara d’Oeste e Sumaré) também esteve presente na reunião. A entidade foi representada pelo presidente Fábio Beretta Rossiepelovi vice-presidente Dilézio

Ciamarro. “Dar competitividade ao setor têxtil é prioritário na geração de empregos no país”, disse Beretta Rossi. “A balança comercial têxtil do Brasil foi superavitária em US\$ 500 milhões em 2005 e a projeção para 2011 é dela fechar deficitária em US\$ 5 bilhões, uma discrepância causada pela enxurrada de produtos asiáticos”, disse. “O ministro demonstrou pleno conhecimento sobre os problemas do setor. Ele entende o senso de urgência das propostas apresentadas e disse que vem estudando medidas para ajudar o setor industrial”, disse Beretta Rossi. A indústria têxtil foi a única que teve um saldo de emprego no quadrimestre negativo em 307 vagas, segundo o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) na RMC (Região Metropolitana de Campinas), consequência da concorrência desleal com os bens importados.

Além de entidades patronais, participaram também da reunião, promovida pela Abit, entidades de trabalhadores. A reunião faz parte de uma série de encontros que a Frente Parlamentar tem agendado com representantes do governo e que tiveram início do dia 7 de junho, quando representantes do setor foram recebidos no Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Comércio e Indústria).

Fonte: ‘ABIT’

http://abit.org.br/clipping2010/clipping2011/27_06/governoouv e.pdf



23/06/2011

Mantega promete incentivos ao setor têxtil

Eduardo Rodrigues - O Estado de S. Paulo.

Para tentar diminuir a invasão dos produtos têxteis e de confecção chineses no mercado brasileiro, o Ministério da Fazenda prometeu tomar ainda este ano medidas tributárias para dar maior competitividade ao setor nacional, que emprega cerca de 1,7 milhão de trabalhadores. A promessa foi feita ontem pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, que se reuniu com integrantes da Frente Parlamentar Mista de Defesa da Indústria Têxtil e da Confecção e representantes dos fabricantes e trabalhadores do setor, que foram cobrar maior atenção do governo ao segmento. *"Na China, os fabricantes têm todos os incentivos possíveis. Não podemos entregar o mercado brasileiro à Ásia"*, afirmou o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Aguinaldo Diniz Filho. *"Somos um setor que investiu US\$ 2 bilhões no ano passado, em moda, design e inovação, mas estamos ingenuamente sendo submetidos à concorrência desleal"*, acrescentou. Após o encontro com Mantega, o presidente da Frente Parlamentar, deputado Henrique Fontana (PT-RS), afirmou que a Fazenda dará uma resposta ao setor dentro de 30 a 45 dias, com medidas específicas. No entanto, as principais propostas apresentadas pelo deputado - *desoneração*

da folha de pagamento e redução e unificação das alíquotas interestaduais do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) - já fazem parte da proposta de reforma tributária que vem sendo tocada pelo ministério.

Desoneração. Por ser um setor intensivo no uso de mão de obra, a transferência da tributação da folha de pagamento para o faturamento das empresas representaria uma redução na carga de impostos. Além disso, a unificação das alíquotas interestaduais do ICMS forçaria o fim da guerra fiscal, que também tem beneficiado a entrada de importados chineses.

Mas a indústria têxtil pretende obter outros benefícios fiscais que não estão na proposta da reforma tributária. Para isso, a intenção da Frente Parlamentar é ampliar o número de encontros com a equipe da Fazenda para discutir e detalhar quais incentivos poderiam ser concedidos ao setor. A primeira conversa já foi marcada para a próxima semana. *"A indústria de confecção emprega 1,7 milhão de trabalhadores, mas esse foi um dos únicos setores que teve Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) negativo no mês passado, consequência da concorrência desleal com os produtos importados"*, afirmou Fontana.

Fonte: 'Estadão'

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110623/not_imp735999,0.php



24/06/2011

Fios "inteligentes" são foco da Rhodia

Têxtil: Propriedades especiais vão de ação contra bactérias até proteção solar e combate à celulite



Foto: Claudio Belli/Valor

De Marchi, presidente da Rhodia: R\$ 10 milhões aplicados em produtos e mais US\$ 10 milhões para ampliar produção.

Os fios "inteligentes" são a principal

aposta da Rhodia Fibras para o ano de 2011. Até dezembro, a empresa deverá investir cerca de R\$ 10 milhões em pesquisa, desenvolvimento de produtos, novas aplicações e em ações de marketing. Além das microfibras e supermicrofibras que já fazem parte de seu portfólio, a empresa espera fazer barulho com fios que contêm propriedades especiais - caso do Amni Biotech (que evita a proliferação de bactérias) e do Amni UV Protection (que protege contra os raios UVA e UVB).

As atenções agora se voltam para o Emana, fio de poliamida (leia-se náilon) tecnológico que deverá ser o carro-chefe da companhia para o verão, por suas propriedades para

ativar a circulação e que prometem combater a celulite.

Reportagem - Vanessa Barone | Para o Valor

Fonte: 'Valor Online'

<http://valoronline.com.br/impresso/empresas/102/445867/fios-inteligentes-sao-foco-da-rhodia>

Eventos | Feiras

25/06/2011

FENIT deixou vazio no setor têxtil

O Liberal Online - SP – COTIDIANO

O fim das grandes feiras como a Fenit (Feira Nacional da Indústria Têxtil) e a Fidam (Feira Industrial de Americana), que coincidiu com a crise da década de 1990, deixou um vazio no segmento de tecelagem e confecção que até hoje não foi preenchido.

Apesar da cadeia têxtil em todo o país faturar tanto quanto a automotiva - R\$ 90 bilhões contra R\$ 115 bilhões - o setor não conseguiu se unir novamente para organizar uma feira internacional.

"Ficamos fazendo um monte de feirinhas pequenas e não conseguimos mostrar nossa pujança", avalia o presidente do Sinditêxtil (Sindicato das Indústrias de Tecelagem), Alfredo Emílio Bonduki, entidade que representa 900 empresas que empregam 520 mil



trabalhadores nos segmentos de fiação, tecelagem e confecção no Estado de São Paulo.

Considerada a São Paulo Fashion Week dos anos 70, a Fenit mesclava tradição e modernidade e durante muitos anos foi o palco dos principais lançamentos de moda e todo o ramo têxtil aguardava com ansiedade cada edição anual, que era realizada no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo.

Cerca de 30 indústrias da RPT (Região do Polo Têxtil), principalmente de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, participavam como expositoras do evento. *"O declínio veio junto com a crise, aí que começou a decadência da Fenit e da Fidam"*, recorda o empresário Mario Zocca, presidente do Conselho do Polo Tec Tex (Polo Tecnológico da Indústria Têxtil e da Confecção).

Fonte: 'ABIT'

http://abit.org.br/clipping2010/clipping2011/27_06/fenit.pdf

27/06/2011

Nova Friburgo reativa feira

Menos de seis meses após ter sido atingida, em 12 de janeiro, por uma enchente que deixou um rastro de 426 mortos e 68 desaparecidos, a cidade de Nova Friburgo, região Serrana do Rio de Janeiro consegue reativar seu evento anual de moda íntima que está

sendo considerado pelos empresários locais um símbolo de recuperação econômica. A Feira de Vestuário de Nova Friburgo (Fevest), não realizada no ano passado por problemas de custos, ressurge de hoje até quinta-feira no formato de circuito satélite de lojas e fábricas durante o dia e desfiles de moda e palestras à noite.

Fonte: 'Valor Online'

<http://www.valoronline.com.br/impresso/empresas/102/446495/nova-friburgo-reativa-feira>

Economia | Mercado

03/06/2011

Produtividade do trabalho na indústria perde fôlego e cai em 2011

Setores Têxtil, Calçado e Couro, Metalurgia Básica e Produtos de Metal foram os mais penalizados, de acordo com indicador da FIESP.

Mais um indicador preocupante acende um sinal amarelo na indústria brasileira. Estudo do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da FIESP mostra que depois de crescer 6%, puxada pelo setor extrativo em 2010, a produtividade do trabalho na indústria brasileira vem caindo mês a mês, em 2011.

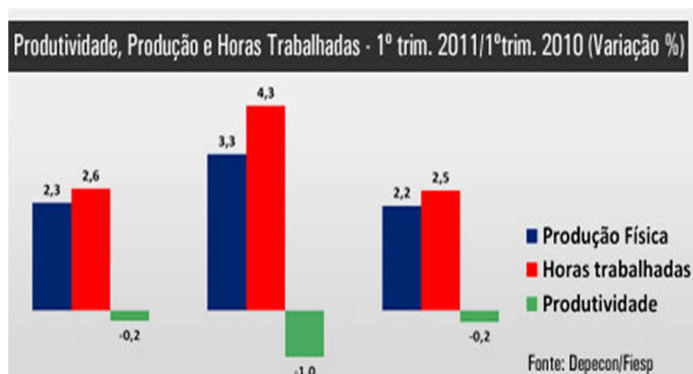
Informe **FIESP** COMTEXTIL



Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.

Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

O indicador apontou variação negativa de 0,2% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Dos 19 setores estudados, 13 apresentam queda. Os setores mais penalizados foram: Têxtil, Calçado e Couro, Metalurgia Básica e Produtos de Metal.



“Estes dados comprovam aquilo que falamos todos os dias: a valorização do Real frente ao Dólar e os incentivos fiscais dados por estados à importação impedem o crescimento da produção e da produtividade da indústria brasileira”, afirma Paulo Skaf, presidente da FIESP.

O resultado é que as horas trabalhadas nas plantas industriais subiram 2,6% nos três primeiros meses deste ano e a produção física subiu apenas 2,3%. **Os dados completos estão no site da FIESP** (clique em http://www.fiesp.com.br/economia/pdf/produtividade_%201tri_2011.pdf para maiores informações) e passam a ser divulgadas trimestralmente pela entidade.

Confira notícia publicada nesta sexta-feira (3),

na coluna Mercado Aberto, da Folha de S. Paulo

http://www.fiesp.com.br/graficos/materia_estudo.htm

Fonte: ‘FIESP’

http://www.fiesp.com.br/agencianoticias/2011/06/03/produtiv_trabalho_industria_perde_folego_cai_2011_ntc

Reportagem de Cesar Augusto, Agência Indusnet FIESP.

21/06/2011

Consumidor encontrará roupas de 10% a 15% mais caras neste inverno

O inverno brasileiro começou nesta terça-feira (21) e, segundo informa o diretor superintendente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção), Fernando Pimentel, a estação traz roupas 10% a 15% mais caras do que o inverno passado para o consumidor.

O acréscimo, segundo explica o diretor superintendente da Abit, se deve ao aumento dos custos (salário, energia, transporte, entre outros) e da matéria-prima, sobretudo o algodão, que chegou a custar, no primeiro trimestre do ano, três vezes mais do que em 2010 e, atualmente, está 50% mais elevado do que no ano passado. Historicamente, contudo, ressalta Pimentel, o setor de Vestuário é o

Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

tem com menor reajuste entre os componentes da cesta de inflação.

Liquidações e verão

Apesar do inverno ter acabado de começar, no início do próximo mês, o consumidor já deve se deparar com as liquidações típicas da estação. Segundo o especialista, neste ano, a temporada reserva peças, aproximadamente, de 20% a 30% mais baratas.

No mesmo período, chegam às lojas as coleções Primavera-Verão. Neste caso, explica Pimentel, a alta do algodão será menos sentida pelo consumidor, já que o impacto do preço da matéria-prima é menor neste tipo de roupa.

Fonte: ‘UOL Economia’

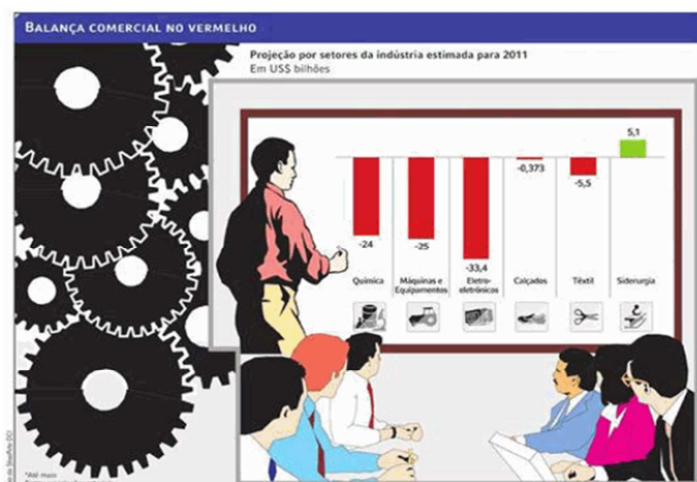
<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2011/06/21/consumidor-encontrara-roupas-de-10-a-15-mais-caras-neste-inverno.jhtm>

27/06/2011

Brasil já exporta fábricas inteiras para outros países

A saída de empresas de vários setores em busca de melhores condições no exterior acende o sinal de alerta para o processo de desmontagem da indústria brasileira

A Unigel, companhia petroquímica que produz resinas para diversos segmentos, decidiu investir



cerca de US\$ 400 milhões em uma fábrica de metacrilato e cianeto no México em decorrência do alto custo do gás natural. A Honda transferiu a produção do seu modelo mais recente, o City, para a Argentina, que se tornará a base de exportação desse veículo para o Brasil. A Vicunha Têxtil recorreu aos vizinhos, Equador e Argentina, para fazer frente aos produtos vindos da China e conquistar uma parcela do mercado europeu e norte-americano. A Vulcabrás, que tem fábrica na Argentina, inicia em agosto operação na Índia para enfrentar os chineses. Indústrias têxteis estão preferindo produzir no Paraguai a fazê-lo no Brasil. Estes são bons exemplos para ilustrar o momento vivido pela indústria brasileira. A falta de condições de competir no mercado internacional e o peso do Custo Brasil começam a desmontar um setor que já era bem estruturado no País.

Informe **FIESP** COMTEXTIL

Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.



Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

Isso demonstra que um processo de desindustrialização está em pleno curso. Cada vez mais, empresas nacionais optam por produzir em países onde o custo fixo de produção proporciona melhores condições de competitividade ante a concorrência internacional.

Entretanto, mesmo com esse cenário, especialistas afirmam que o setor produtivo ainda pode reverter esse processo de perda da indústria, se o País conseguir melhorar a competitividade deste setor.

“A ameaça de a indústria recuar é verdadeira, mas o setor produtivo ainda tem capacidade de reverter esse processo”, afirmou o economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Rogério Cesar de Souza. Para ele, este cenário desenhado pelas empresas, combinado à alta taxa de juros para controle da pressão inflacionária no País e à perspectiva de entrada de mais capital estrangeiro no longo prazo em função de pré-sal, Copa do Mundo e Olimpíadas, deve acelerar o processo de valorização do real por muito tempo.

Um dos indicadores macroeconômicos mais diretamente afetados é a balança comercial do setor de manufatura. Em 2010, foi registrado um déficit recorde de US\$ 70,9 bilhões, como mostra um estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). A marca representa crescimento de 95% em relação ao saldo negativo de US\$ 36,5 bilhões de 2009.

“O Brasil precisa utilizar a experiência internacional de países que perderam a capacidade industrial. Se não houver medidas que fortaleçam a indústria brasileira podemos passar, no longo prazo, por um processo semelhante à ‘Doença Holandesa’”, ressaltou o economista, referindo-se ao fenômeno registrado naquele país nos anos 70, quando a descoberta de gás provocou a forte entrada de capital estrangeiro que levou à valorização excessiva do câmbio e à redução do número de indústrias.

Na opinião do economista e pesquisador sênior do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Régis Bonelli, a substituição da indústria pelo setor de serviços na composição do Produto Interno Bruto (PIB) é tendência mundial. De acordo com ele, à medida que os países vão se desenvolvendo, primeiro aumenta muito a demanda por bens industriais, algo decorrente da urbanização. Isto é o que está acontecendo, por exemplo, com a China. No momento seguinte, as pessoas começam a diminuir seu consumo de bens e começam a consumir mais serviços. O problema do Brasil é que a maturação aparente do consumo de bens industriais está ocorrendo muito antes do que em países desenvolvidos, situação também identificada pelo economista-chefe do Iedi.

Bonelli afirma que ainda é complicado dar peso individual a cada um desses movimentos; ainda

Informe **FIESP** COMTEXTIL



Comitê da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil, Confecção e Vestuário.

Edição nº 001 – Ano I – Julho de 2011

temos outros problemas macroeconômicos, como o câmbio valorizado. A elevação da classificação de risco do País deverá atrair mais dólares e forçar a uma valorização de nossa moeda.

Fases

Para o economista do Iedi, a reversão desse quadro passa por dois momentos. O primeiro consiste na adoção das medidas de incentivo à indústria que estão em discussão entre o governo e as empresas no Plano de Desenvolvimento da Competitividade (PDC); o segundo depende das tão esperadas reformas institucionais no País, entre as quais está a fiscal, a tributária e a trabalhista.

A pressão que a questão tributária impõe ao Brasil é explicitada por Michael Lehmann, gerente executivo de Contabilidade e Impostos da Volkswagen no Brasil. De acordo com ele, a montadora alemã paga entre R\$ 4 bilhões e R\$ 5 bilhões ao ano somente de impostos e esse valor está embutido no preço final do produto.

Enquanto essas medidas não chegam, o déficit comercial em alguns dos principais setores da indústria de transformação continua a apresentar desempenho negativo. Uma das associações que reforçam essa tendência é a da indústria elétrica e eletrônica (Abinee), que projeta déficit comercial de R\$ 33,4 bilhões somente em 2011. Este número, se confirmado ao fim do ano, representará um incremento de 23% sobre os valores de 2010. Outro setor que deverá pressionar a balança de pagamentos

é o químico. Segundo os últimos números da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), referentes a maio, as importações de produtos atingiram US\$ 3,6 bilhões, valor recorde para o ano. Nos últimos 12 meses, de junho de 2010 a maio de 2011, o déficit ficou em US\$ 22,7 bilhões. Segundo o presidente da entidade, Fernando Figueiredo, a expectativa é de que o setor fechará o ano com balança negativa de US\$ 24 bilhões.

Os setores **têxtil** e calçadista também expõem a fragilidade do setor produtivo brasileiro com perspectiva de perdas em razão da concorrência asiática aqui.

Na opinião do presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Milton Cardoso, esse movimento continuará nos próximos quatro anos caso as condições sejam mantidas.

É por conta desses movimentos rumo ao exterior que a participação do setor produtivo está se reduzindo cada vez mais na composição do PIB. De acordo com o economista-chefe do Iedi, um parâmetro que mostra a queda da participação da indústria brasileira de transformação na geração das riquezas caiu de 30% do total na década de 80 para cerca de 15%. “A indústria está ficando para trás por conta das importações, que às vezes atendem a toda a demanda de um produto”, afirmou Souza.

Um reflexo desse sentimento pode ser visto em uma pesquisa do Sindicato da Micro e Pequena Indústria



do Estado de São Paulo (Simp-SP). O levantamento mostra que 45% dessas empresas afirmaram ter perdido mercado para produtos similares adquiridos no exterior. Um fator fundamental para esse fato é a política de câmbio artificial chinesa, que coloca o iuane a um valor 60% mais baixo que o do dólar.

Inovação

O quadro de falta de produtos similares no mercado nacional expõe uma deficiência que afeta diretamente a competitividade das empresas menores: o acesso à inovação. O fator também citado pelo representante do Iedi.

Como forma de tentar reverter esse quadro, o governo e a CNI acertaram as bases da criação de uma empresa para desenvolver projetos de inovação voltada para o setor produtivo. Segundo o ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, a empresa seguiria o mesmo modelo da Embrapa, mas seria voltada para o desenvolvimento industrial.

O presidente da CNI negou que a criação da “Embrapi” se configure em uma contrapartida do setor privado em resposta ao PDC, a segunda versão do programa de incentivo à indústria que deverá ser anunciado em agosto.

Reportagem de Maurício Godoi

Fonte: ‘ABIT’

http://abit.org.br/clipping2010/clipping2011/27_06/brasil.pdf

27/06/11

Brasil já exporta fábricas e amplia o déficit comercial

A saída de fábricas de vários setores em busca de melhores condições no exterior acende o alerta do processo de desmontagem da indústria brasileira. A petroquímica Unigel, fabricante de resinas, preferiu investir US\$ 400 milhões em uma unidade no México. Já a montadora Honda decidiu transferir a produção do City para a Argentina e tornar aquele país base de exportação do veículo ao Brasil.

Esses exemplos ilustram o momento vivido pelo setor industrial no País, já caracterizado pelos especialistas como uma desindustrialização a pleno vapor.

A alta taxa de juros para controlar a pressão inflacionária, combinada com a forte entrada de capital estrangeiro, que por sua vez mantém no longo prazo a valorização do real, e a alta carga tributária são fatores determinantes na localização dos investimentos. Os tributos são tão pesados que até o setor de serviços padece com a situação. Um restaurante que não consegue quitar os impostos teve de fechar as portas, segundo a advogada Maria de Fátima Caldas Guimarães, do escritório Guimarães & Caldas Advogados Associados.

Essa tendência, no entanto, ainda pode ser revertida, se o País conseguir melhorar sua competitividade,



segundo o economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Rogério Cesar de Souza. Para ele, os investimentos esperados em função de pré-sal, Copa do Mundo e Olimpíada podem ajudar.

Mas enquanto a desoneração da produção nacional não chega, cresce o déficit comercial em vários segmentos industriais. A Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) estima para este ano um saldo negativo da balança comercial do setor de R\$ 33,4 bilhões.

A indústria têxtil e de confecção é outra que sofre com a concorrência dos produtos da China. Neste ano, as importações dessas empresas devem superar as exportações em US\$ 5,5 bilhões.

Situações como essa levaram a participação da indústria na composição do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cair à metade em três décadas, chegando atualmente a 15%.

Na contramão das brasileiras, a chinesa Chery inicia em julho a construção da primeira fábrica de automóveis "*made in China*" no Brasil. O investimento será de US\$ 400 milhões e elevará a operação local de mera importadora para produtora, com capacidade de 170 mil unidades em 2015. Segundo o CEO da montadora chinesa no Brasil, Luís Curi, entrar aqui faz "todo sentido" porque este é o quarto ou quinto maior mercado automobilístico

do mundo.

Reportagem de Maurício Godoi

Fonte: 'DCI'

<http://www.dci.com.br/Brasil-ja-exporta-fabricas-e-amplia-o-deficit-comercial-7-378764.html>

Comércio Exterior | Relações Internacionais

27/06/11

TECIDOS - Prejuízo com importados vai a US\$ 5,5 bilhões

A Indústria têxtil e de confecção nacional vem enfrentado dificuldades de concorrer com os produtos acabados importados da China. O gigante asiático encontrou no Brasil uma solução para escoar parte de sua produção após a queda nas exportações para o mercado norte-americano e europeu. Desde então a balança comercial do setor apresenta saldo negativo. A previsão é de US\$ 5,5 bilhões para este ano.

Como forma de combater essa perda, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Aguinaldo Diniz Filho, acredita ser necessária a desoneração sobre a folha de pagamento, a ampliação do regime tributário diferenciado (Simples), e o combate às importações desleais. O diretor-geral da Rosset Têxtil, Gustavo



Rosset, alerta para o fato de grandes magazines importarem 30% desses produtos.

Fonte: 'DCI'

[http://www.dci.com.br/Prejuizo-com-importados-vai-a-US\\$-5-5-bilhoes-1-378676.html](http://www.dci.com.br/Prejuizo-com-importados-vai-a-US$-5-5-bilhoes-1-378676.html)

27/06/11

TRABALHISTA - Importação de mão de obra especializada volta a nível recorde

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam que em 2010 o número de estrangeiros que conseguiram visto para trabalhar no Brasil foi de 56 mil, contra menos de 43 mil no ano anterior, um aumento de 30%. Segundo analistas de Recursos Humanos consultados, essa evolução se deve principalmente à falta de espaço profissional nos países de origem, atrelada à escassez de mão de obra brasileira qualificada para ocupar as vagas ofertadas. "Os brasileiros estão mais qualificados para postos de confiança, como nas áreas de diretoria e gerência, do que o resto do mundo, com salários proporcionalmente melhores em relação às demais nações. Desta forma, muitas multinacionais enviam para cá seus funcionários alocados lá fora, inclusive nas matrizes, para aprenderem e se aperfeiçoarem nas

filiais brasileiras", explica um dos executivos da Petrobras.

Ao mesmo tempo, entidades de classe apontam que o crescimento do número de imigrantes que buscam trabalho no Brasil se deve à escassez de mão de obra local qualificada, como apontam dados acerca da insuficiência de trabalhadores brasileiros aptos para ocupar os postos criados nos últimos anos. "Capacitação de mão de obra é, de fato, um problemão. Na prática, precisamos encontrar funcionários na China e nos Estados Unidos", diz Marcel Malczewski, presidente da empresa de automação comercial Bematech, uma das maiores do País em soluções de tecnologia para o varejo

Reportagem de Karina Nappi

Fonte: 'DCI'

<http://www.dci.com.br/Importacao-de-mao-de-obra-especializada-volta-a-nivel-recorde-7-378763.html>